

AVES DE ARRIBAÇÃO

RACHEL DE QUEIROZ

ESTE ROMANCE de Antônio Sales, *Aves de arribação*, além do lugar muito especial que merece na literatura brasileira, pela sua alta categoria, tem uma originalidade, em se tratando de romance nordestino e, mais que nordestino, cearense. É um livro que, passado todo no interior do Ceará, não diz uma palavra sobre seca! As paisagens que descreve são sempre as verdes campinas, os riachos correndo, os tabuleiros em flor. Nada do Ceará esquelético e faminto, o Ceará das secas e dos retirantes.

E o mais curioso de tudo é que esse Ceará de Antônio Sales não apenas existe, como existe mais constante e realmente que o outro, o Ceará dramático dos tempos do flagelo. Porque é preciso não esquecer que a seca é uma incidência esporádica, felizmente espaçada em lustros ou em décadas. E já houve períodos abençoados de mais de dez anos sem seca.

O Ceará real e cotidiano — pelo menos nos meses de inverno — é aquele verde Ceará de *Aves de arribação*, e nem seria possível a existência do povo, nem a nossa província teria condições de sobrevivência, se a sua constante fosse a seca e não o verde. A tragédia ocorre por espaços, como ocorre a morte numa casa de família. O clima da normalidade é ameno e o povo no dia-a-dia são aqueles indivíduos descuidosos que fazem a história do romancista; a desgraça é que os enrija e lhes acera a fibra, criando aquele tipo de resistência obstinada, capaz de absorver uma cota de provação quase acima da natureza humana.

Ah, é difícil fazer compreender aos outros brasileiros que a raiz do nosso apego à terra do Nordeste não está só no contraditório amor que nos prende à mãe trágica, mas também no doce amor nascido no regaço da fartura, da beleza e da alegria! As convulsões, quando chegam, encontram esse alicerce de lembranças felizes e a segurança da recuperação. E, assim, ninguém estranhe nem suponha que está sendo levado a um Nordeste otimista e imaginário, quando Antônio Sales lhe conta que o seu protagonista

entrou a galopar através dos campos por onde as pompas do verde já se anunciavam pela folhagem nova das caatingas e pela babugem fina dos vargedos... (ou que) acordava cedo para tomar leite num curral próximo... e logo depois tomar banho no rio que, pela estação das chuvas, corria caudaloso por trás dos quintais do bairro da cidade...

Podem-se multiplicar as citações desse gosto:

O povo miúdo, composto de pequenos lavradores e artífices, começou a entrar (*na cidade*) desde as seis horas da manhã, carregado de cereais, de frutas e aves domesticas... E por ultimo fizeram sua entrada os lavradores e fazendeiros abastados, montando cavalos de luxo, nédios animais de sela, tratados com esmero, gordos de se poder lavá-los com uma bochecha d'água... (...) Ia correndo abril, o mês das "águas mil", quando os botões se intumescem para reventar na esplêndida floração de maio.

E eu daria outros grandes trechos de retratos exuberantes da natureza cearense, como os das páginas 55, 56, 67 e 109, se não receasse aumentar excessivamente o tamanho destas notas. Mas creio que o que foi citado já me prova o ponto.

Não é um Ceará completamente diverso — todo folhagem e flor — daquele outro Ceará que estamos habituados a ver apresentado na literatura e nas artes plásticas? Em vez das caveiras de gado e dos retirantes, os bois gordos do inverno, os cavalos roliços, a população farta; em vez do mandacaru, da macambira e da caatinga nua, as árvores centenárias e frondosas...

Mas não é apenas esse aspecto original, embora tão verídico (pois, como todo o mundo sabe, há muitas faces da verdade), que marca realmente o livro, mas o seu próprio valor como crônica risonha ou melancólica de uma pequena cidade do interior brasileiro, nos começos deste século. Situada a história no Ceará, poderia passar-se em Minas, no Rio Grande ou na Bahia — o que prova mais uma vez a essencial unidade ou a universalidade brasileira do homem. Os hábitos, as gentes, a estreiteza do ambiente, a rotina familiar, as paixões políticas, as intrigas locais, tudo é pintado com realismo — o realismo a cuja escola estava filiado o romancista; — mas realismo, digamos, mitigado, porque Antônio Sales, homem de medida e de gosto, jamais chegaria aos excessos penosos dos cristãos-novos do movimento.

*

Ele dizia a brincar que esse seu romance eram dois: "O primeiro e o derradeiro." E o livro tem, realmente, as qualidades de primeiro e derradeiro, no que pode haver de melhor nessas duas condições. Como primeiro traz a frescura da inspiração, a riqueza dos estreantes, o entusiasmo de pai de primogênito. Como derradeiro, tem a marca do escritor experiente, senhor de todos os segredos do ofício, sem demasias nem ingenuidades, homem que escrevia como poucos a língua literária do seu país, amigo dos mestres da época, seu companheiro e igual.

Classificá-lo como escritor menor, seria possível apenas em relação ao volume da obra, que era pequena. Antônio Sales tinha um forro de ceticismo e indolência que o afastava do árduo labor literário — e nós, velhos profissionais, bem sabemos quanto ele é ár-

duo! Esse temperamento esquivo e desenganado foi que o levou a fugir da luta pela vitória no Rio de Janeiro onde, naquele tempo, unicamente se faziam as reputações literárias.

Muito cedo, relativamente moço, recolheu-se à província, em amena aposentadoria. Foi então que o conheci.

Magro, sempre de branco, a freqüentar os "pontos" dos intelectuais de Fortaleza, espécie de santo padroeiro de todos nós, literatos principiantes e cheios de paixão criadora, naqueles primeiros anos da década de trinta. Preparava por esse tempo um livro de trovas e máximas onde o seu sarcasmo brando se extravasava em epigramas sorridentes, assim:

Vi um médico fardado:
Que perfeito matador
Quem escapar do soldado
Não escapa do doutor...

E falava também em um romance que tinha em preparo, que se chamaria *A estrada de Damasco* e no qual ia trabalhando com muita preguiça.

*

Era ele, então, sem rivais, a figura suprema das letras na nossa província, o nome nacional residente no Alagadiço; e o padrinho obrigatório de todo principiante contrerrâneo.

E creio que jamais houve no mundo escritor e poeta laureado que ocupasse essa posição eminente e incômoda com mais segura elegância e com mais cético bom humor; e ao mesmo tempo com maior ternura para com a sua corte de aprendizes e a maior modéstia perante si próprio.

O fato é que talvez a obra de Antônio Sales, embora importante, não estivesse inteiramente à altura do importantíssimo homem de letras que ele foi: um belo romance, alguns livros de versos, o volume de epigramas. Se o quisesse, ele teria dado mais, muito mais. Não o queria, contudo. Era um indolente, cético, carecia de ambição, sem a qual não sobe muito o escritor profissional. Não cortejava a glória literária, antes ria-se dela. Como já disse, poderia ter sido tudo que os grandes nomes literários costumam ser neste país: ombreou com todos, era igual aos melhores, mas, como dizia, às vezes, — não tinha peito nem fôlego para esse páreo...

E, no entanto, aquele desdenhoso que segurança incutia no principiante tímido que procurava o mestre, gaguejante e de mãos frias! Como nos punha à vontade, como se sentia bem no meio da gente; a sua maior alegria era ser tratado como um igual pelos moços. Nunca esqueço a resposta que me deu à primeira vez em que lhe escrevi. Ele já teria mais de sessenta anos, cobriam-no os louros do renome e a pequena sertaneja de dezoito anos lhe mandara uma carta tí-

mida mas entusiasta — acabara de ler o *Aves de arribação*. Sales respondeu logo (pertencia àquela geração cortês que nunca deixa uma carta sem resposta), e dizia, com enternecida simplicidade:

Você nem sabe, menina, como é bom a gente descobrir que os moços ainda nos consideram vivos e nos querem bem, que não nos arquivam simplesmente, como medalhões que somos. . .

Ah, como era querido aquele pretense medalhão, dos pequenos romancistas inéditos, dos poetinhas em botão, dos jornalistas estreatantes. Para nós, não era o mestre que a gente temesse, cujos elogios mendigasse, cuja crítica receasse. Para nós era um irmão mais velho, amado, compreensivo, sábio. A ele se recorria para nos tirar de embaraços, a ele se chegava com as laudas de prosa para nos corrigir o português vacilante, ou com os cadernos de poesia para nos rever o ritmo e a forma. Ele que confirmava as dúvidas sobre a citação francesa, ele que estava sempre informado do livro recente, das novidades editoriais de Paris ou do Rio. Como sorria da nossa ansiedade, como sabia quase sempre a resposta para as nossas indagações. Bastava ver-lhe na rua o vulto esguio, o rosto magro vincado de rugas fundas, a mão inquieta sempre a segurar um livro (foi ele que nos ensinou a gostar dos *pocket-books*, baratos, fáceis de ler, fáceis de jogar fora), a gente corria a rodeá-lo. Sentava-se no café conosco; as moças o adoravam, era o “tio Sales” de todas. E, diga-se, ele também adorava as moças, florescia junto delas, tinha sempre um verso e uma gentileza para lhes dizer.

Não tinha filhos. Vivia só com a esposa, que ele amava como um noivo, numa casa cheia de trepadeiras e de livros. Andava às vezes na rua com o sobrinho predileto, um pequeno Joãozinho gorducho, sério e lindo, de quem exigia opiniões sobre os assuntos mais complicados. Joãozinho ficou homem, belo e bom, tal como era em menino; fez-se aviador, morreu de desastre. Felizmente o tio já morrera antes, vários anos antes. Velho e doente que andava, a queda e a humilhação da França entregue aos nazistas, em 40, ajudaram a matá-lo. Porque outra característica da sua geração era um desmedido apego à França, pátria da alma e do espírito, que ele punha quase na mesma linha da pátria natural.

Descansa na nossa terra do Ceará, que ele tanto amava. Porque além da mulher, dos sobrinhos, de nós todos que lhe exigíamos o nosso pedaço de coração, ele amava aquela terra, só sabia viver nela, por ela desdenhou a metrópole, seus triunfos e suas pompas. E naquela terra foi feliz, tão feliz quanto pode ser o sábio que pede muito pouco, para ter a certeza de obter esse pouco que pede. As cegas potências lá de cima, sempre tão mesquinhas no dar, enganam-se com tal frugalidade de desejos; não sabem que estão sendo logradas, dando tão pouco; não sabem como aquele pouco é escolhido. . .